

La Comédiathèque

Como
um filme
de Natal...
só que pior!

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>

Como um filme de Natal... só que pior!

de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Kimberley herdou da avó a receita secreta das suas famosas bolachas. Na véspera de Natal, com a melhor amiga Jennifer, prepara-se para abrir uma casa de chá no rés-do-chão do prédio onde vivia a avó Yoyo. Investiu todas as suas economias neste projeto. Mas um promotor imobiliário sem escrúpulos está disposto a tudo para comprar o espaço, demolir o edifício e construir uma residência de luxo. Conseguirá Kimberley superar todas estas provas e encontrar finalmente o amor? Um verdadeiro telefilme de Natal... só que pior!

Elenco

Kimberley: a heroína

Jennifer: a melhor amiga

Cindy: a rival malvada

Kevin: o noivo oficial

Brian: o pretendente improvável

Gregory: o pai compreensivo

Samantha: a mãe dominadora

William: o carteiro

Alex Suborno: o promotor imobiliário

Ramírez: o inspetor ou a inspetora

Sánchez: o investigador ou a investigadora

Os papéis de Gregory e Sánchez podem ser interpretados pela mesma pessoa. O promotor e os dois agentes da polícia podem ser homens ou mulheres.

10 intérpretes: 6 homens / 4 mulheres, 5 homens / 5 mulheres ou 4 homens / 6 mulheres.

11 intérpretes: 7 homens / 4 mulheres, 6 homens / 5 mulheres, 5 homens / 6 mulheres ou 4 homens / 7 mulheres.

© La Comédiathèque

Uma casa de chá tão açucarada como uma caixa de bombons, com apenas uma mesa e três cadeiras. Num canto, uma árvore de Natal decorada. Ouve-se música natalícia bastante pirosa. Esta comédia é um pastiche dos telefilmes de Natal americanos mais estereotipados: cenário, figurinos e interpretações devem evocar um romance sentimental cheio de clichés. Os atores podem representar de forma deliberadamente exagerada, sobretudo ao dizerem as frases feitas destes filmes. Kimberley entra, sobe a um banco e termina a decoração da árvore, colocando uma estrela enorme no topo. Jennifer entra. A música pára.

Jennifer – Então, é hoje? O grande dia!

Kimberley – Não fechei um olho a noite toda...

Jennifer – Eu também não.

Kimberley – Nervos antes da estreia, como eu...

Jennifer – Sim... e também o rapaz com quem passei a noite.

Kimberley – Ah, sim...

Jennifer – Um italiano que conheci ontem à noite...

Kimberley – Vai vê-lo de novo?

Jennifer – É um estafeta de pizzas... Basta telefonar. Se quiseres, dou-te o número. Garanto-te que, pelo preço de uma pizza quatro queijos, não ficas desiludida.

Kimberley – Está bem...

Jennifer vê a árvore.

Jennifer – Meu Deus, é realmente linda!

Kimberley – Pena que a Yaya não possa vê-la este ano.

Jennifer – Já passou um ano desde que a tua avó nos deixou. Parece que foi ontem...

Kimberley – E, no entanto, foi exatamente há 365 dias.

Jennifer – Incrível... então contaste os dias?

Kimberley – Sim, bom... um ano, sabes...

Jennifer – 25 de dezembro...

Kimberley – Na noite de 24 para 25, de qualquer forma. Encontramo-la lá de manhã, toda azul, caída ao pé da árvore.

Jennifer – No meio dos presentes deixados durante a noite pelo Pai Natal... Que presente... Nunca soubemos realmente o que aconteceu.

Kimberley (*apontando para a estrela no topo da árvore*) – Ainda segurava na mão a estrela que costumamos colocar no topo da árvore...

Jennifer – E havia um banco virado aos pés dela.

Kimberley – Deve ter escorregado ao tentar voltar a colocar aquela estrela caída do céu.

Jennifer – Ou talvez... quisesse enforcar-se com o fio das luzes, e a árvore não aguentou o peso. O Natal é tão deprimente.

Kimberley – E, no final, pesava pelo menos duzentos quilos...

Jennifer – E pensar que, aos vinte anos, foi Miss Kansas.

Kimberley – Miss Arkansas. Miss Kansas fui eu.

Jennifer – Espero que não acabes como ela...

Kimberley – Obesa, queres dizer?

Jennifer – Ou enforcada... De qualquer modo, em vez dessa estrela, ela é que se espatifou no chão. Felizmente, não havia ninguém em baixo.

Kimberley – Nem imaginas como me sinto culpada...

Jennifer – Mas vá lá, não tens culpa!

Kimberley – Se tivesse pendurado melhor essa maldita estrela...

Jennifer – Tenho a certeza de que hoje a Yaya está no céu e olha para nós lá de cima.

Kimberley – Não sei se aprovaria os meus planos...

Jennifer – Tenho a certeza de que sim. Ela adorava deliciar-nos a todos com as suas famosas bolachas.

Kimberley – São tão deliciosas.

Jennifer – E tão nutritivas...

Kimberley – É verdade... Desde que ela morreu, não só perdi uma avó... Também perdi cinco quilos.

Jennifer – Abrir esta casa de chá será a oportunidade de dar a conhecer as bolachas da Yolanda por toda a cidade. E por que não por todo o país!

Kimberley – Mas espera... Ainda andava à procura de um nome para o nosso estabelecimento... E se lhe chamássemos simplesmente «As Bolachas da Yaya»?

Jennifer – Que ideia maravilhosa! Será uma forma de prestar homenagem à tua avó, que te deixou a receita secreta das suas famosas bolachas antes de morrer.

Kimberley – Felizmente, também me deixou este pequeno apartamento no rés-do-chão, num bairro que está a ficar muito na moda.

Jennifer – Uma habitação insalubre que transformaremos na casa de chá mais elegante de toda Mekansas City.

Kimberley – Espero que consigamos... porque investi todas as minhas poupanças na decoração.

Jennifer – A vida é como o Pai Natal, Kimberley! Ou a Fada dos Dentes. Basta acreditar para que nos traga presentes e dinheiro.

Kimberley – Tens razão! Só preciso de um pouco de ânimo de vez em quando, quando estou um pouco em baixo...

Jennifer – Claro! Não podes contentar-te em beber uísque às escondidas...

Kimberley – Às vezes, gostava de poder contar um pouco mais com o apoio do Kevin. Afinal, estamos noivos...

Jennifer – Não o culpes demais. Ele também tem o trabalho dele. Mas estou aqui para te ajudar, Kimberley.

Kimberley – Eu sei... Desde a pré-escola, sempre foste a minha melhor amiga. Sem ti, nunca teria tido coragem para embarcar nesta aventura.

Jennifer – Nunca te poderei agradecer o suficiente por me teres dado uma oportunidade de recomeçar, Kimberley. A vida não tem sido fácil desde que saí da prisão... E se não tivesses tido a generosidade de pagar a minha fiança, ainda estaria atrás das grades...

Kimberley – Pagar-me-ás aos poucos com os teus primeiros salários.

Jennifer – Tu vais ter sucesso, tenho a certeza. Sempre conseguiste tudo na tua vida. Enquanto eu...

Kimberley – Sim... Mas para conseguir isso, preciso de comprar a loja ao lado para expandir um pouco. Aqui é demasiado pequeno...

Jennifer – A loja de flores! Está à beira da falência! A florista aceitou vendê-la a um bom preço, e acabaste de assinar o contrato-promessa.

Kimberley – Sim... mas ainda não tenho a resposta do banco para o crédito...

Jennifer – Tenho a certeza de que vai correr tudo bem.

Kimberley – Espero que sim...

Jennifer – Vamos arrasar! Quero dizer, vamos ter um sucesso estrondoso!

Kimberley – Arrasar? Depois de tanto dinheiro gasto na decoração? Eu pensava que íamos abrir uma casa de chá... Para já, os clientes não se atropelam à porta.

Jennifer – Só abrimos às oito, e ainda faltam cinco minutos. Não te preocupes tanto!

Kimberley – Tens razão, devo acalmar-me. Não dormi toda a noite, mas pelo menos não perdi tempo. As bolachas ainda estão quentes. Fiz mais de mil!

Jennifer – Mil?

Kimberley – Achas que é demasiado?

Jennifer – Se tivermos dez clientes durante o dia e cada um comprar cem...

Kimberley – Ou cem clientes que comprem dez...

Jennifer – Ou mesmo cinquenta clientes que comprem... Quantas deveriam comprar nesse caso?

Kimberley – Espera, vou buscar a minha calculadora, porque sabes, os números...

Ouve-se o tilintar da campainha na porta para indicar a chegada de um cliente.

Jennifer – Ah... Aí vem o teu primeiro cliente!

Entra Brian, um jovem atraente, mas com roupas visivelmente grandes demais para ele.

Kimberley – Meu Deus! E ainda nada está pronto...

Jennifer – Anda, acalma-te. Só tens de lhe servir uma chávena de café... e perguntar se quer bolachas.

Kimberley – O nosso primeiro cliente! Temos de fazer tudo para o satisfazer...

Jennifer (*emocionada*) – Tudo? Mesmo?

Kimberley – Nem sequer tive tempo de pentear o cabelo.

Jennifer – Queres que eu trate disso?

Kimberley – Não... Tenho de ser eu.

Ela faz um esforço para se acalmar, arranja um pouco o cabelo, endireita-se e aproxima-se de Brian.

Brian – Olá.

Kimberley – Bem-vindo à nossa modesta casa de chá... destinada a tornar-se, nos próximos anos, uma cadeia internacional de franchising, com o nome de... «As Bolachas da Yaya».

Brian (*apanhado de surpresa*) – Obrigado... Eu... Posso pedir um café?

Kimberley – Claro. Deseja algo para acompanhar o seu café?

Brian – Não, obrigado... Tenho um pouco de pressa...

Kimberley – Não vai sair sem provar as bolachas da Yolanda...

Brian – Chama-se Yolanda?

Kimberley – Não... Yolanda faleceu, infelizmente.

Brian – Espero que não tenha sido depois de comer uma dessas famosas bolachas...

Kimberley – Era a minha avó... Enforcou-se na árvore... Quero dizer... foi um acidente. Bem, acho que foi...

Brian – Lamento muito...

Kimberley – Não se desculpe, não é culpa sua... pelo menos até que a polícia prove o contrário... Então?

Brian – Desculpe?

Kimberley – Tem alguma preferência para as bolachas? Temos mais de trinta sabores diferentes... *(Num tom confidencial)* Mas não se preocupe, todos têm chocolate...

Brian – Quer dizer que...

Kimberley – Muito bem. Cortesia da casa. Só pagará o café...

Brian – Sério?

Kimberley – Acabámos de abrir e é o nosso primeiro cliente. *(Endireita-se, realçando o decote generoso)* Considere isto uma oferta de inauguração...

Brian – Nesse caso... Deixo-a escolher o sabor... Já que todos são de chocolate...

Kimberley sorri e afasta-se para preparar o pedido.

Kimberley – Então, como estive?

Jennifer – Muito discreta...

Kimberley – Ok, talvez tenha exagerado um pouco...

Jennifer – Podemos esperar um pouco antes de anunciar a expansão internacional. Para já, só temos uma mesa...

Kimberley – Conheces esse rapaz?

Jennifer – Não...

Kimberley – A cara dele parece-me vagamente familiar... Mas o que está por baixo não me diz nada...

Jennifer – É verdade que está vestido como um desastre... Não é daqui. Teria notado...

Kimberley – Ah, sim?

Jennifer – De qualquer maneira, é bem constituído.

Kimberley – Sim...

Jennifer – Não notaste?

Kimberley – Lembro-te que estou noiva...

Jennifer – Isso não te impede de ter olhos! Só porque já tens uma bolacha seca em casa não podes apreciar a montra de uma pastelaria?

Kimberley – Vai tu... Para variar dos estafetas de pizzas...

Jennifer – Sim... mas pelo visto, não sou eu que lhe interessou...

Kimberley – Pergunto-me o que estará a fazer aqui.

Jennifer – Podes perguntar-lhe.

Kimberley – Jennifer, seria indiscreto.

Kimberley serve Brian.

Brian – Obrigado...

Kimberley – Esta é de gengibre. Segundo a minha avó, o gengibre é afrodisíaco. Depois diga-me o que achou... Bom proveito!

Kimberley volta para Jennifer.

Jennifer – Bom proveito...?

Kimberley – De qualquer maneira, parece que ele está a apreciar. A minha avó tinha razão quando dizia que o gengibre é afrodisíaco. Olha, parece muito mais sorridente do que quando chegou...

Brian lança um olhar a Kimberley com um grande sorriso.

Jennifer – Sim... Até parece que se está a babar a olhar para ti... Tens mesmo a certeza de que sabes o que significa «afrodisíaco»?

Kimberley – Como uma grande moca? daquelas que nos põem logo um sorriso na cara...

Jennifer – Uma moca? Estás a falar de um charro?

Kimberley – Sim, também...

Jennifer – Acho que estás a confundir afrodisíaco com euforizante.

Kimberley – Oh sim? *(Olhando para o seu relógio)* Oh Deus, tenho de ligar para o banco... Deixo-te encarregada dele. Sê simpática, mas tenta manter certa distância, se percebes o que quero dizer...

Ela sai. Jennifer aproxima-se de Brian.

Jennifer – Então... aceitas os cookies.

Brian – A minha mãe sempre me disse para não aceitar guloseimas de desconhecidos. Mas a empregada é tão encantadora...

Jennifer – Kimberley é a dona deste estabelecimento.

Brian – E aparentemente, não lhe falta ambição.

Jennifer – Aqui é demasiado pequeno. Vamos ter de nos expandir.

Brian – Internacionalmente, então...

Jennifer – Vamos começar pela loja do lado. Assim, já podemos pôr mais uma ou duas mesas.

Brian – Cuidado. Hitler começou por invadir a Polónia, e veja onde isso nos levou...

Jennifer – Este projeto é importante para nós. Para a Kimberley e para mim, será um recomeço.

Brian – Um novo começo, realmente...?

Jennifer – Acabei de sair da prisão.

Brian – Uau... Apesar disso, à primeira vista... Qualquer um diria que és uma alma santa...

Jennifer – Casei-me muito jovem, e não escolhi a pessoa certa.

Brian – Acontece, infelizmente.

Jennifer – Ele disse que era vendedor. Quando percebi que estava a vender heroína, já era tarde demais.

Brian – Já estavas viciada...

Jennifer – Sobretudo, já estava grávida. A polícia revistou a nossa casa. Encontraram droga numa lata de leite para bebé.

Brian – Mas isso é horrível...

Jennifer – Estou em liberdade condicional. Levo uma pulseira eletrónica. Queres ver?

Mostra a pulseira que tem no tornozelo.

Brian – Aconselho-a a não mostrar isso a qualquer pessoa... Eu estou mais habituado a bares de má reputação. Mas isso poderia assustar os clientes de uma casa de chá...

Kimberley regressa.

Kimberley – Tudo bem?

Brian – Sim, sim... Estava a conversar com...

Jennifer – Jennifer. E tu, qual é o teu nome?

Brian – Brian.

Jennifer – E o que te traz aqui, Brian?

Kimberley lança-lhe um olhar fulminante.

Brian – Uma reunião de trabalho. Sou arquiteto.

Jennifer – Arquiteto?

Brian – Desenho casas, edifícios, escritórios...

Jennifer – De qualquer forma, também pareces ter grandes ambições... especialmente para o tamanho das tuas roupas.

Kimberley (*mudando de assunto*) – Então, e essas bolachas? Gostou delas?

Brian – Excelentes, realmente. Mas receio que, depois de provar algumas, não consiga parar. É uma droga dura, não é? (*Lança um olhar desconfortável a Jennifer.*) Quero dizer... receio que seja muito viciante...

Jennifer (*coquete*) – Vou-me retirar. Tenho coisas para fazer na cozinha... Até breve! Já que já não consegues passar sem nós...

Jennifer sai.

Kimberley – Queria dizer sem as nossas bolachas, claro.

Brian – É verdade que é uma pessoa muito encantadora.

Kimberley – Quer dizer um pouco pegajosa, suponho.

Brian (*olhando para o seu relógio*) – Tenho mesmo de ir... Mas prometo que nos veremos novamente.

Kimberley – Com prazer.

Levanta-se para sair.

Brian – Na verdade, vivi na área por alguns anos. Há muito tempo.

Kimberley – Em Mekansas City?

Brian – Sim... Em Mekansas City. E a senhora?

Kimberley – Nasci aqui.

Brian – Quem sabe... Talvez já nos tenhamos cruzado...

Kimberley – De qualquer maneira, não me lembro.

Brian – Depois do liceu, decidi tentar a sorte noutro lugar.

Kimberley – Bem, eu entendo. Sabe o que dizem sobre os habitantes de Mekansas City...?

Brian – Não...

Kimberley – "Bonitos e tolos ao mesmo tempo."

Brian – Parece que não era suficientemente bonito nem suficientemente tolo para sobressair num lugar assim.

Kimberley – Bem... Até breve!

Brian – Voltarei para provar novamente essas deliciosas bolachas afrodisíacas.

Brian faz-lhe um pequeno gesto de despedida. Kimberley responde com um sorriso educado. Brian sai. Entra Samantha, mãe de Kimberley, vestida com elegância conservadora. Toda sua atitude revela um enorme esnobismo.

Samantha – Bem... Parece que não há muita gente para um dia de inauguração...

Cumprimentam-se com um beijo bastante frio.

Kimberley – Olá mãe. O papá não está contigo?

Samantha – Está a estacionar o Mercedes. Encontrar lugar neste bairro é uma aventura... Devas pensar num serviço de estacionamento com motorista.

Kimberley – É uma casa de chá, mãe! Não um restaurante de luxo...

Samantha – E quem é esse jovem bonito tão mal vestido que acabou de sair daqui?

Kimberley – O meu primeiro cliente.

Samantha – Coitada... Uma mulher sofisticada como tu, ainda solteira, não deveria ter clientes... Apenas pretendentes. Tens mesmo a certeza de que queres dirigir um bar?

Kimberley – Uma casa de chá, mãe! Não um bar! E porque não?

Samantha – Sou baronesa. Herdei esse título do meu pai. E um dia, vou passá-lo para ti.

Kimberley – E depois?

Samantha – Uma baronesa não pode ser empregada de mesa, nem sequer numa casa de chá! Quando uma baronesa toma chá, são os outros que a servem!

Kimberley – O avô era barão, mas a Yolanda, a tua mãe, era criada, lembro-te. Antes de casar com ele...

Samantha – Casar com a criada... Prefiro nem falar desse casamento desigual...

Kimberley – Não fales mal da Yolanda, por favor... Eu amava muito a minha avó.

Samantha – Nunca lhe perdoarei por me ter infligido este nome...

Kimberley – Samantha? É muito bonito.

Samantha – Para uma plebeia, talvez, mas a Baronesa Samantha de Casteladrón, já sabes...

Kimberley – Também casaste com um plebeu, lembro-te.

Samantha – Pelo menos, ele não era meu criado...

Kimberley – Era o teu mecânico!

Samantha – Sim... Mas ele tinha dinheiro.

Kimberley – E oferecia-te as reparações da carroçaria...

Samantha – Quando dizes reparações da carroçaria, suponho que te refiras ao velho carro que eu tinha na altura...

Kimberley – É verdade que também pagava pelas tuas operações plásticas...

Samantha – Que se há de fazer...? Precisava de dinheiro... Para te dar uma educação decente e permitir que fizesses estudos respeitáveis. Tudo para que agora...

Entra Gregory, o pai de Kimberley. Veste-se de forma muito mais simples e a sua atitude revela as suas origens populares.

Gregory – Olá, Kimberley!

Samantha – De qualquer forma, se também não gostas do teu nome, sabias que foi o teu pai quem o escolheu...

Kimberley – Olá, papá.

Kimberley e o pai cumprimentam-se com muito mais carinho.

Gregory – Está magnífico! Parabéns pela decoração. Já nem parece o apartamento da Yaya.

Samantha – Felizmente, era um buraco...

Kimberley (*para o pai*) – Obrigada. Jennifer ajudou-me muito.

Gregory – Então, como vai o bebé?

Samantha – Um bebé? Que horror! Não me digas que vou ser avó! Na minha idade...

Gregory – Não, mulher! O bebé... Estou a falar deste projeto! Da inauguração da casa de chá! Como está a correr?

Kimberley – Por agora, sabes, estamos na fase de teste.

Samantha – Sim, com apenas uma mesa... Mais vale não ter dois clientes ao mesmo tempo...

Kimberley – Também também vendemos para levar.

Gregory – Tenho a certeza de que vais ter muito sucesso com as bolachas da Yaya. Eu também as adorava...

Samantha – Por agora, está a deixar infeliz a sua mãe... Será melhor encontrares um marido.

Gregory – Lembro-te de que ela já tem um noivo...

Kimberley – Mãe, estamos no século vinte e um.

Samantha – Sim, e é uma pena. Na minha época, as mulheres da sociedade não precisavam de trabalhar. E ao que parece, não será o teu contabilista quem te sustentará. Aliás, pergunto-me se não é o teu dinheiro que o interessa...

Kimberley – O meu dinheiro?

Samantha – Digamos a tua herança, então.

Kimberley – Pois, mas não do meu dote.

Gregory – O que queres? Os tempos mudam, Samantha. Temos de acompanhar o nosso tempo. Acho muito bem que a nossa filha crie o seu próprio negócio. Não queres que ela seja obrigada a casar com um mecânico, como tu... ou com o patrão, como a tua mãe.

Samantha – Bem, de qualquer forma, estávamos só de passagem.

Gregory – Enfim, Samantha, não sairemos sem provar as bolachas da Yaya. Ou melhor, as bolachas da Kimberley, porque tenho a certeza de que lhes adicionaste o teu toque pessoal, não é?

Kimberley responde com um sorriso cúmplice.

Samantha – Bem, está bem, mas rápido.

Kimberley apresenta-lhes uma bandeja.

Gregory – Obrigado, querida... Têm muito bom aspeto... Este é de quê?

Kimberley – De gengibre. Segundo a Yaya, é afrodisíaco. Ou checoslovaco, já não me lembro. Eu, sabes, as palavras complicadas...

Gregory lança-lhe um olhar surpreendido, mas pega numa bolacha com um sorriso. Samantha recusa a oferta.

Samantha – Não para mim, obrigada. É verdade que são muito boas, mas não para a linha. Estou a tentar cuidar um pouco de mim... E, Gregory, também não exageres... Se não quiseses ficar tão grande como a tua falecida sogra.

Gregory, que ia pegar noutra, recua. Alex, um homem de aspeto próspero, chega.

Alex – Minhas senhoras...

Samantha – Vamos deixar-te. Se não, o teu segundo cliente não vai conseguir sentar-se...

Gregory – Adeus, querida.

Desliza-lhe uma nota na mão.

Kimberley – Enfim, pai... É cortesia da casa...

Gregory – De maneira nenhuma. Negócios são negócios.

Samantha – Então, vens, Gregory?

Gregory – Vou...

Samantha e Gregory saem.

Kimberley – Olá. Por favor, sente-se aqui, é a nossa melhor mesa...

Alex olha à sua volta, surpreendido por não haver mais mesas.

Alex – Obrigado, mas... não vim tomar café. Gostava de falar consigo.

Kimberley – Conversar? Que expressão tão elegante... É jornalista, não é? Quer escrever um artigo sobre a abertura desta casa de chá? Terei todo o gosto em satisfazer todos os seus desejos...

Alex – Sério?

Kimberley – Quero dizer, responder a todas as suas perguntas...

Alex – Não sou jornalista, trabalho no setor imobiliário.

Kimberley – Tem a ver com o contrato-promessa que assinei para comprar a loja do lado? Acabei de falar com o banco, mas infelizmente ainda não tenho resposta quanto ao empréstimo...

Alex – Sou promotor imobiliário... Vim fazer-lhe uma proposta...

Kimberley – Estou a ouvir...

Alex – Há alguns anos, comecei a comprar todos os apartamentos deste prédio. Só a sua avó sempre se recusou a vender-me o dela.

Kimberley – E porquê querer comprar todos estes apartamentos? Estão bastante degradados, diga-se de passagem...

Alex – Sou promotor, como lhe disse. Tenho um projeto imobiliário.

Kimberley – Um projeto?

Alex – Construir outro edifício neste local. Muito mais alto, claro. E muito mais bonito. Apartamentos de luxo.

Kimberley – O que significa destruir este.

Alex – Claro...

Kimberley – Não me admira que a minha avó tenha recusado.

Alex – Mas a sua avó já não está cá. Venho propor-lhe a compra deste apartamento.

Kimberley – Não há possibilidade.

Alex – Este projeto é muito importante para mim. Posso oferecer-te um bom preço. Superior ao do mercado.

Kimberley – Como vê, também tenho planos para este espaço que herdei da minha avó. E acabei de assinar um contrato-promessa de compra da loja ao lado.

Alex – Também estou disposto a indemnizá-la se desistir de comprar a loja de flores.

Kimberley – A Cindy também não lhe quis vender a loja?

Alex – O negócio dela está falido. Pensei que não colocaria objeções.

Kimberley – Estava à espera que ela fechasse para lhe comprar o espaço por uma pechincha.

Alex – De qualquer maneira, só descobri demasiado tarde que ela já tinha assinado um contrato-promessa consigo...

Kimberley – E que planos tem para estes dois espaços do rés-do-chão?

Alex – Compreende que, tratando-se de um prédio de luxo, e tendo em conta a renda prevista para esses espaços comerciais, uma cadeia nacional seria mais adequada do que uma simples casa de chá antiquada.

Kimberley – Uma cadeia nacional?

Alex – O Starfucks está interessado.

Kimberley – Starfucks? Só por cima do meu cadáver!

Alex – Não me tente.

Kimberley – Não era isso que queria dizer.

Alex – No estado atual, o seu projeto não é viável. Se aceitar a minha proposta, poderá fazer um bom negócio.

Kimberley – Esta casa de chá significa muito para mim.

Alex – Se sonha tanto em gerir um café, posso recomendá-la à direção da Starfucks. Estou certo de que considerariam com bons olhos a sua candidatura para gerir o estabelecimento deles em Mekansas City.

Kimberley – Sério?

Alex – Com o seu entusiasmo... e os seus encantos, tenho a certeza de que se sairia muito bem. Naturalmente, não poderia manter os seus empregados... nem as suas deliciosas bolachas caseiras.

Kimberley – Nunca!

Alex – Pense bem. É uma oportunidade inesperada.

Kimberley – Já pensei nisso.

Alex – Um dia poderá arrepender-se de não ter aceitado a minha proposta.

Kimberley – É uma ameaça?

Alex – É apenas um conselho de amigo.

Kimberley – Agora faça o favor de sair. Aviso-o de que sei defender-me: tenho o cinto amarelo de judo.

Alex – Deixo-lhe o meu cartão, para o caso de mudar de ideias...

Deixa-o sobre a mesa e sai. Kimberley parece muito perturbada. Chega Kevin, um homem bonito com uma elegância sóbria.

Kevin – Tudo bem, querida? Parece que viste o diabo.

Kimberley – Não estás longe da verdade...

Kevin – Passou a tua mãe?

Kimberley – Pior...

Kevin – Pior?

Kimberley – Um promotor imobiliário. Quer comprar o prédio para demolir e construir apartamentos de luxo no lugar.

Kevin – Sério?

Kimberley – Até planeia abrir um Starfucks no rés-do-chão.

Kevin – Ótimo! (*Percebendo pela expressão de Kimberley que não é a resposta que ela esperava*) Bem, quero dizer... E o que lhe disseste?

Kimberley – Que não estou à venda!

Kevin – Claro, querida... Bem, tudo depende do preço...

Kimberley – Foi muito insistente... Quase me ameaçou.

Kevin – Não me surpreende que este lugar atraia a atenção dos promotores. O bairro está em plena renovação.

Kimberley – Por isso acredito no nosso projeto.

Kevin (*céptico*) – As bolachas da Yaya...

Kimberley – Sei que nunca acreditaste na minha ideia, mas desta vez peço-te que confies em mim, Kevin. Se me amas...

Kevin – Claro que te amo! Não nos vamos casar?

Abraça-a brevemente para a reconfortar.

Kimberley – Preciso que acredites em mim, percebes?

Kevin – Acredito em ti, Kimberley, mas ainda assim poderíamos considerar esta oferta com calma. Quanto te ofereceu exatamente?

Kimberley – Não sei, nem lhe perguntei. De qualquer maneira, não tenciono aceitar. Não é uma questão de dinheiro. Como diz o papá, o dinheiro não é tudo na vida...

Kevin – Isso é fácil de dizer para alguém como o teu pai. Com a oficina, está cheio de dinheiro. Se nos pudesse emprestar alguma coisa para nos instalarmos...

Kimberley – O papá não se oporia, tenho a certeza. É a mamã que não quer que me meta nos negócios...

Kevin – Negócios... Já agora, o banco deu-te uma resposta sobre o teu empréstimo?

Kimberley – Não, ainda não.

Kevin – Sem esse empréstimo, sabes que o teu projeto não é viável.

Kimberley – Falas como um contabilista.

Kevin – Mas, Kimberley... eu sou contabilista!

Kimberley – Hoje preciso do apoio do homem que me ama. Não da opinião de um contabilista.

Kevin – Apoio-te com os meus conselhos, querida. E o meu conselho é que não deixes escapar a oportunidade de ouro que te acabaram de oferecer. Seria uma oportunidade para nós avançarmos!

Kimberley – Planeio avançar abrindo esta casa de chá, Kevin.

Kevin – Vendendo isto, teríamos dinheiro suficiente para eu abrir o meu próprio escritório de contabilidade.

Kimberley – E eu? O que acontece comigo em tudo isso?

Kevin – Poderias trabalhar para mim! Quero dizer, trabalhar comigo...

Kimberley – Nem pensar. O que eu gosto é do contacto com as pessoas. Não dos números. E desistir deste projeto significaria despedir a minha melhor amiga.

Kevin – Jennifer? Ela vai encontrar outro emprego!

Kimberley – Não com o seu histórico criminal, garanto-te...

Kevin – O quê? A Jennifer tem antecedentes criminais?

Kimberley – De qualquer forma, ela usa uma pulseira no tornozelo. E não parece ser da ourivesaria local.

Kevin – Nunca me falaste disso! Então planeias abrir uma cafetaria com uma ex-presidiária?

Kimberley – Não é apenas a Jennifer... Há seis meses, fiz uma promessa à minha avó.

Kevin – A tua avó morreu há um ano.

Kimberley – Também podemos fazer promessas às pessoas que já não estão.

Kevin – Promessas que é muito mais fácil não cumprir...

Kimberley – Jurei que daria a conhecer as suas maravilhosas bolachas por todo o mundo.

Kevin – Só isso...

Kimberley – O Starfucks também começou com uma única loja.

Kevin – Tens a certeza disso?

Kimberley – Não... mas é a única ideia que me ocorreu.

Kevin suspira.

Kevin – Está bem... Vamos tentar encontrar uma solução. Juntos... Mas agora tenho de voltar ao trabalho, porque por enquanto ainda tenho um patrão... Promete-me que vais pensar na proposta...

Kevin sai, deixando Kimberley pensativa e deprimida. Brian volta.

Brian – Kimberley...?

Ela assusta-se ao vê-lo.

Kimberley – Assustaste-me...

Brian – Se abrires um negócio, terás de te habituar a que desconhecidos entrem de vez em quando.

Kimberley – Tens razão, é uma tolice.

Brian – Além disso, não somos completamente desconhecidos.

Kimberley – É verdade, já passaste antes.

Brian – Conhecemo-nos desde muito antes.

Kimberley – Sério?

Brian – Não te lembras de mim?

Kimberley – Devia...?

Brian – Já te disse, vivi nesta cidade há alguns anos. Éramos colegas na escola secundária!

Kimberley – Desculpa... Tenho a certeza de que ambos mudámos muito...

Brian – Não tu, garanto-te... Já eras encantadora naquela altura e continuas igualmente bonita...

Kimberley – Desculpa, não me lembro de ti...

Brian – Não me surpreende. Naquela altura, eu media um metro e trinta e tinha algum excesso de peso.

Kimberley – Ah, sim...? Mas quando dizes algum excesso de peso...

Brian – Chamavam-me Gordinho.

Kimberley (*lembrando-se de repente*) – Gordinho!

Brian – Preferia que isso não se divulgasse demasiado... Levei anos a livrar-me desse apelido ridículo.

Kimberley – É incrível... Ao mesmo tempo... não éramos realmente amigos, pois não?

Brian – Nunca teria ousado falar contigo na escola secundária. Entre nós, era mais como... A Bela e a Fera.

Kimberley – Estás a exagerar.

Brian – De qualquer forma, fiquei feliz por te ver novamente. Para quebrar o feitiço.

Kimberley – Quebrar o feitiço? Quase ficaria desapontada...

Brian – Expressei-me mal. Quero dizer... agora que finalmente me atrevi a falar contigo... sinto-me... como libertado de um encanto.

Kimberley – Está bem...

Brian – Tenho de te deixar. Mas acredito que em breve teremos a oportunidade de nos ver novamente.

Kimberley – Por que não? Com prazer...

Brian sai. Entra Cindy, vestida de forma provocante, podendo usar uma peruca vistosa, por exemplo, ruiva.

Cindy – Olá!

Kimberley – Ah, olá, Cindy.

Cindy – Então, como está a correr esse primeiro dia?

Kimberley – Está tranquilo... Pelo menos em relação aos clientes... porque quanto ao resto...

Cindy – Precisas de tempo para te dares a conhecer. Mas tenho a certeza de que vai resultar.

Kimberley – Achas?

Cindy – Somos amigas desde o jardim de infância, e sempre tiveste sucesso em tudo. Exceto nos estudos, é verdade... Chamavam-te «A Rainha do Liceu».

Kimberley – «A Rainha do Liceu»... Nem sabia...

Cindy – Ah, sim... Houve até uma votação secreta. Ainda me lembro: não tive um único voto entre 437 votantes...

Kimberley – Nem votaste em ti mesma?

Cindy – Só os rapazes tinham direito a voto, claro. Foram eles que organizaram a votação.

Kimberley – Lamento muito...

Cindy – E então, foste eleita Miss Arkansas.

Kimberley – Miss Kansas. Miss Arkansas foi a minha avó.

Cindy – Poderias até ter seguido carreira como modelo.

Kimberley – Vês... afinal não teria tido sucesso em tudo.

Cindy – Para mim, nada mudou, infelizmente... Abri a minha florista há três anos e agora tenho de fechar... Se não me tivesses proposto comprar a loja...

Kimberley – Também nem sempre foi fácil para mim, sabes. Ser a rapariga mais bonita do liceu é um emprego a tempo inteiro. Por isso chumbei nos exames finais três anos seguidos...

Cindy – Tinhas todos os rapazes a teus pés. Ainda hoje, aliás. Bom, pelo menos os que ainda não estão casados...

Kimberley – A propósito, lembras-te do Gordinho?

Cindy – Gordinho...?

Kimberley – Um rapaz com excesso de peso... e óculos. Andámos na mesma turma no liceu. Acabou de sair daqui.

Cindy – E então? Estavas a pensar apresentar-mo?

Kimberley – Se o visses agora, garanto-te que não te importavas... Pode dizer-se que o sapo se transformou num príncipe encantado.

Cindy – Custa-me a acreditar. No reino animal, as lagartas às vezes transformam-se em borboletas. Nos seres humanos, tirando os contos de fadas, costuma ser ao contrário. Então, voltaste a ver o Gordinho?

Kimberley – Pois é. Por mais que a cosmética evolua, as princesas acabam com pele de burro... e os príncipes com cintura de abóbora.

Cindy – Ou ao contrário... Então, voltaste a ver o Gordinho...

Kimberley – Sim... Acontece que ele se tornou arquiteto...

Cindy – Fantástico...

Kimberley – Infelizmente, tive uma visita muito menos agradável.

Cindy – Ah, sim?

Kimberley – Alex... Um promotor...

Cindy – Alex? E o que ele estava a fazer em Mekansas City?

Kimberley – Comprou quase todo o prédio e quer demoli-lo para construir uma residência de luxo.

Cindy – Sério?

Kimberley – Felizmente, a minha avó preferiu deixar-me este apartamento em herança em vez de lho vender.

Cindy – Então ele também queria comprar a minha loja de flores?

Kimberley – Felizmente, acabei de assinar o contrato-promessa...

Cindy – Sim, como tu dizes... Felizmente... Imagino que tenha oferecido um bom preço, não?

Kimberley – Mais do que o preço de mercado, segundo ele. Mas dinheiro não é tudo na vida, certo?

Cindy – Não... Bem... especialmente se já se tem o suficiente...

Kimberley – Foi o que o Kevin disse... Acho que vocês os dois se dariam bem...

Cindy – Também acho. Infelizmente, mais uma vez, chegaste antes de mim... Sabes que eu estava muito apaixonada por ele no liceu...

Kimberley parece um pouco desconfortável.

Kimberley (*mudando de assunto*) – Queres uma bolacha?

Cindy – As famosas bolachas cuja receita a tua avó te deixou... além do apartamento.

Kimberley – Vou buscar-te uma... Acabaram de sair do forno. São deliciosas, vais ver.

Kimberley sai.

Cindy – Também te metia a cabeça no forno, sua cabra! Se ao menos te engasgasses com as tuas bolachas...

Mal Kimberley sai, Alex volta furtivamente, com um ar conspirador.

Alex – Vi-te pela montra... *(Entrega-lhe um cartão de visita)* Alex Suborno... Sou promotor imobiliário...

Cindy – Ah, sim... Senhor Suborno... A minha amiga Kimberley falou-me de si. E não foi propriamente para o elogiar...

Alex – Estou disposto a comprar a tua loja. E ofereço um preço muito maior do que o dela.

Cindy – É muito tentador, claro... Infelizmente, é tarde demais. Acabei de assinar o contrato-promessa...

Alex – Eu sei... Mas se esta casa de chá fechar, ficas livre do contrato-promessa, não é?

Cindy – O que lhe faz pensar que esta casa de chá poderia fechar?

Alex – Digamos... um pressentimento. Talvez possas ajudar-me a tornar esse pressentimento realidade.

Cindy – Ajudar a afundar a casa de chá da Kimberley? Mas disse que ela é uma amiga...

Alex – Ofereço-te o dobro do que ela está a oferecer pela tua maldita loja à beira da falência.

Cindy – Ao mesmo tempo... Conheço-a desde o jardim de infância e desde então tenho vontade de matá-la... O que devo fazer?

Alex – Precisamos discutir isso tranquilamente...

Cindy – Quando?

Alex – Agora, se quiseses. Mas não aqui...

Cindy – Vou voltar para a minha loja. Pode encontrar-me lá...

Alex – Está bem... Vou-me antes que ela volte... Prefiro não encontrá-la. Não nos despedimos em bons termos...

Alex vai embora, Kimberley volta com as bolachas.

Kimberley – E aqui estão elas!

Cindy – Obrigada, mas vou levá-las comigo... Tenho de sair urgentemente. Tenho uma entrevista... para um emprego.

Kimberley – Um emprego?

Cindy – Já que estou a vender a minha loja, preciso de encontrar um novo emprego.

Ela vai embora com as bolachas. Kimberley está um pouco desconcertada. Apanha algo do chão, que se revela ser um tufo de cabelo.

Kimberley – Ela está a perder cabelo, é incrível...

William chega, como carteiro.

William – Olá, Kimberley. Sou o carteiro!

Entrega-lhe algumas cartas.

Kimberley – Olá, William. Então, vamos ver isto... (*Olhando para o correio*) Fatura, fatura, fatura...

William – Lamento... Preferia trazer-te cheques...

Kimberley – Que gentil. Ah, também há uma carta...

William – Uma boa notícia, espero?

Kimberley abre a carta e o sorriso desaparece-lhe enquanto lê.

Kimberley – "Acabarás como a tua avó"...

William – Deve ser alguém a desejar-te boa sorte para a inauguração da tua casa de chá...

Kimberley – Não está assinada e está escrita com letras recortadas de um jornal...

William – Conhecia bem a tua avó. Eu entregava-lhe a correspondência todos os dias. (*Nostálgico*) E ela nunca deixava de me oferecer café, com uma das suas famosas bolachas.

Kimberley – Bem, agora vou convidar-te a molhar a tua bolacha todas as manhãs.

Ela serve-lhe um café e uma bolacha.

William – Ah, não, mas não disse isso por isso... Bem, sim, mas... Agora que é uma casa de chá, quero pagar.

Deixa uma nota na mesa e morde a bolacha.

Kimberley – E então?

William – Continuam tão boas como sempre... Tenho a certeza de que a tua avó ficaria muito feliz por tomares o seu lugar.

Kimberley – Obrigada... Ela falava muito de ti... Chamava-te de Willy...

William – Era uma grande amiga... Custou-me muito perdê-la... (*Para disfarçar o embaraço*) Tenho de ir. A minha volta...

Kimberley – A tua volta... Como os artistas! Vá, o teu público está à tua espera. Volta quando quiseres...

William – Voltarei amanhã! Sou eu quem te entrega o correio...

Kimberley – Claro! Sou tola...

William (*distráido*) – Sim...

Kimberley – Sim?

William – Não, quero dizer... Vamos, até amanhã, Kimberley...

Kimberley – Espera! Estás a esquecer-te do teu troco!

William – É para me desculpar por só trazer faturas.

Kimberley – E uma carta anónima... De qualquer forma, obrigada!

William vai embora. Brian chega.

Kimberley – Já estás de volta?

Brian – Eu disse-te. As tuas bolachas são mesmo viciantes. Prefiro nem saber o que lhes pões.

Kimberley – Tudo é orgânico, sabes...

Brian – Nesse caso...

Kimberley – Queres mais algumas?

Brian – Podem ser orgânicas, mas não são exatamente leves em gordura... Lembra-te de que costumavam chamar-me Gordinho...

Kimberley – Gordinho... É incrível como mudaste. Não te teria reconhecido.

Brian – Perdi vinte quilos e cresci quarenta centímetros. Por isso agora tenho outro aspeto. Naquela altura, não tinha qualquer hipótese com as raparigas...

Kimberley – É verdade que não eras muito...

Brian – Atraente? Então, achas que hoje teria hipóteses?

Kimberley – Talvez, se não estivesse noiva... Há pouco estive a falar de ti com a Cindy. Lembras-te dela?

Brian – Cindy... Ah, sim, lembro-me... Uma ruiva, não? Que perdia o cabelo...

Kimberley – Ainda lhe resta algum, felizmente... Ela tem a florista mesmo ao lado... Infelizmente, as coisas não estão a correr muito bem para ela nos negócios...

Brian – Sim, não me surpreende.

Kimberley – E porquê?

Brian – Já no liceu chamavam-lhe...

Kimberley – Sim?

Brian – Bem... Agora não me lembro. E, de qualquer maneira, hoje em dia quem é que oferece flores?

Kimberley – De qualquer forma, o meu noivo nunca me as oferece... Mas, o que te traz por aqui, Gordinho? Quero dizer, Brian...

Brian – Sou arquiteto, já te disse. Fui solicitado para fazer os planos do novo edifício que em breve substituirá este.

O sorriso de Kimberley desvanece.

Kimberley – Trabalhas para esse canalha que quer expulsar-me e demolir o prédio onde a minha avó passou toda a vida?

Brian – Mas vamos lá... Não tenho nada a ver com isso! Desenhar planos é o meu trabalho!

Kimberley – Porque não me disseste logo que vinhas ajudar a demolir a minha loja?

Brian – Porque não sabia! Foi durante essa reunião com o meu cliente que...

Kimberley – Sai imediatamente daqui!

Brian – Bem... Mas de certeza que voltaremos a ver-nos...

Ele vai embora.

Kimberley – Gordinho... Devia ter desconfiado... O traidor...

Jennifer volta.

Jennifer – O cliente que acabou de sair daqui é o Brian? O que lhe disseste para ele fugir assim? Ou o que lhe fizeste...

Kimberley – Lembras-te do Gordinho?

Jennifer – Gordinho?

Kimberley – O rapaz com excesso de peso que andava connosco no liceu.

Jennifer – Ah sim... Gordinho... Todos gozávamos dele...

Kimberley – Bem, o Gordinho agora é o Brian.

Jennifer – Como é possível?

Kimberley – Provavelmente com uma dieta... E sabes por que ele voltou?

Jennifer – Para te cortejar?

Kimberley – Para fazer explodir o edifício!

Jennifer – O quê? Para se vingar da troça de que era alvo na escola?

Kimberley – Quem sabe...?

Jennifer – Gordinho... Terrorista... É incrível... E já chamaste a polícia?

Kimberley – Terrorista? Mas não... Ele trabalha para esse promotor que quer demolir o edifício para construir uma residência de luxo!

Jennifer – Ah, percebo... Gordinho... Ah, que azar... E o que vais fazer?

Kimberley – Sobre o quê?

Jennifer – Não sei... Em geral...

Kimberley – Neste momento, gostaria apenas de me pendurar na árvore com as luzes de Natal... Como a minha avó...

Jennifer – Não faças isso... Daria-lhes demasiado prazer.

Kimberley – Sim, é verdade...

Jennifer – Por agora, vamos beber uns copos num bar para esquecer todos os nossos problemas...

Kimberley – Tens razão. Eu também tomaria algo forte.

Jennifer – Também podemos comprar algumas garrafas e pedir uma pizza para entrega, se quiseres...

Kimberley – Quatro queijos?

Trocam um sorriso e saem, apagando a luz.

Escuridão.

Alex e Cindy chegam, iluminando-se com uma lanterna.

Cindy – Tens a certeza de que não corremos perigo?

Alex – Não te preocupes. Tenho amigos na polícia e contactos na câmara municipal.

Cindy – Conheces pessoalmente o presidente da câmara?

Alex – Para obter a licença de demolição, mandei construir-lhe uma piscina de graça na casa de campo. Isso cria laços, acredita. E, afinal, não arrombámos nenhuma porta para entrar aqui...

Cindy – Nem sabia que havia uma porta na cave que ligava a minha loja à da Kimberley...

Alex – Ninguém sabe. Estava escondida atrás de um armário. Descobri-a quando consultei os planos do prédio. A cozinha é por aqui. Segue-me...

Cindy – Se nos apanharem, pensarão que somos ladrões.

Alex – Mas não vamos roubar nada! Pelo contrário...

Cindy – Achas que isso vai funcionar?

Alex – Confia em mim. *(Mostra um saco)* Um pouco de resina de cânabis no chocolate com que fazem as bolachas, e transformamo-las em deliciosos space cakes...

Cindy – E não desconfiarão de nós?

Alex – A empregada de mesa deste café já foi condenada por tráfico de drogas. Acho que a polícia começará por esse lado...

Cindy – Tu és realmente diabólico.

Alex – Sou promotor imobiliário... E um promotor atreve-se a tudo. É por isso que se reconhece um.

Cindy – Como os tolos, queres dizer?

Alex – Nunca subestimes os idiotas nem os promotores. Olha para Donald Trump: era o mais idiota dos promotores e acabou eleito presidente dos Estados Unidos.

Cindy – Estou a perceber...

Saem para a cozinha com ar de conspiradores.

Escuridão.

Sentada à mesa, Kimberley faz contas, enquanto Jennifer arruma um pouco.

Kimberley – Incrível! A casa de chá não tem tido um minuto de descanso há três dias! E as vendas para levar dispararam!

Jennifer – Sabia que ia resultar, mas tanto assim... Esta manhã, uma hora antes da abertura, já havia fila à porta da loja...

Kimberley – E muitos estudantes também. Não pensei que atrairíamos esse tipo de clientela.

Jennifer – Nem eu... Receava que atraíssemos sobretudo pessoas mais velhas.

Kimberley – Vou pedir ao Kevin para fazer os cálculos. Mas isso deve tranquilizar o banco. Se com isso não me derem o crédito...

Jennifer – Já falaste com o Kevin sobre esta carta anónima?

Kimberley – Ainda não. Não quis preocupá-lo com isso. Ele tem tanto trabalho neste momento...

Jennifer – Mesmo assim, não te ajuda muito.

Kimberley – Ele trata das contas, isso já é alguma coisa. Sem ele, nunca teria conseguido montar este processo de empréstimo para o banco.

Entra William, o carteiro, de calças de ganga e camisa florida, com um ar de velho hippie dos anos 70.

William – Olá, meninas! Hoje não há faturas nem cartas anónimas, prometo. Apenas cheques e uma carta de amor.

Kimberley e Jennifer mal conseguem disfarçar a surpresa.

Kimberley – Olá, William... Mas o que te aconteceu?

William – Queimei as faturas. E os cheques, fui eu que os assinei. *(Mostra uma carta)* Quanto à carta de amor, não tenho a certeza. Mas acreditem: como carteiro, tenho faro para estas coisas...

Jennifer – Tens a certeza de que estás bem?

William – Ótimo! Não sei o que me aconteceu, mas desde que provei as suas bolachas de chocolate, vejo tudo cor-de-rosa.

Jennifer – Mas quando dizes cor-de-rosa... é uma expressão, certo?

William – São ainda melhores do que as da Yolanda.

Jennifer – E parece que realmente têm um efeito antidepressivo.

Kimberley – Era isso que queria dizer com afrodisíaco...

William – Podem pôr-me uma dúzia para levar?

Kimberley – Claro. Jennifer, podes tratar disso?

Jennifer – Vou já...

Jennifer sai. Kimberley abre a carta.

William – Então, esta carta de amor...?

Kimberley (*lendo*) – Está assinada por Gordinho...

William – Pelo menos não é uma carta anónima. E o que diz Gordinho? Se não for muito indiscreto, claro...

Kimberley – Ele pede desculpa e convida-me para jantar...

William – Bem, vês! Era mesmo uma carta de amor. Vais aceitar?

Ela amassa a carta.

Kimberley – Claro que não!

William tira uma bolacha da mesa e come-a.

William – Põe esta na minha conta. Não consigo deixar de as comer. Cada vez que como uma, lembro-me da Yaya...

Kimberley parece surpreendida com esta familiaridade.

Kimberley – Yaya? Eras tão próximo da minha avó?

William (*com um ar cúmplice*) – Na verdade... não só lhe entregava o correio.

Kimberley – Ah, sim...?

William – Yolanda fez um bom casamento. Mas o barão tinha trinta anos a mais do que ela. E quando se casou, já estava muito deteriorado.

Kimberley – E então?

William – A tua avó ainda era jovem. Tinha as suas necessidades, sabes...

Kimberley – Bem... Não. E, na verdade, preferia nem saber. Afinal, estamos a falar da minha avó.

William – Não ficaste surpreendida por poderem ter uma filha juntos?

Kimberley – Uma filha?

William – Tua mãe!

Jennifer regressa com um saco pequeno que entrega a William.

Jennifer – Aqui está a tua dose diária, William. Já te avisei: podem criar dependência...

William – Obrigado. Tenho de continuar a minha volta. Com sorte, em breve será a minha volta de despedida.

Jennifer – Vais-nos deixar?

William – Estou a reformar-me... Mas antes, quero pôr algumas coisas em ordem na minha vida. Falar-vos-ei disso mais tarde...

William vai embora.

Jennifer – Parecia um pouco estranho, não?

Kimberley – Sim... Quase me disse que era amante da minha avó.

Jennifer – O carteiro? O amante da Yaya?

Kimberley – Queres dizer da avó Yoyo?

Jennifer – Claro... Embora, para os irmãos da tua mãe, fosse a tia Yoyo.

Kimberley – Sim... Felizmente, a minha mãe é filha única.

Jennifer – Acho que estou a começar a dizer disparates.

Kimberley – O que achas destas bolachas de chocolate?

Cada uma trinca uma bolacha.

Jennifer – Não sei, estas têm um pequeno sabor a... Mudaste a receita?

Kimberley – Não... Um sabor a quê?

Entram o inspetor Ramírez e o seu assistente Sánchez. Observam o local com ar inquisitivo, sem sequer cumprimentar. Kimberley e Jennifer trocam olhares de surpresa.

Jennifer – É estranho... sinto que já vi estes dois antes...

Kimberley – Devem ser daqui... Sabes... Bonitos e burros ao mesmo tempo...

Jennifer – Quem sabe...? É uma cidade tão pequena...

Kimberley – Em Mekansas City, somos bonitos e burros ao mesmo tempo!

Jennifer – Estes dois parecem mais burros que bonitos.

Kimberley – Cavalheiros, é para levar ou consumir aqui?

Os dois polícias não respondem de imediato e continuam a explorar o local.

Jennifer – Querem ver a carta?

Ramírez (mostrando o distintivo) – Prefiro mostrar-lhes a minha... Inspetor Ramírez, e este é o meu assistente, Sánchez.

Jennifer – Agora lembro-me onde os vi... Brincávamos de polícia e ladrão, mas não foi na escola...

Kimberley – A polícia?

Jennifer – Garanto-lhe que cumpri estritamente a minha liberdade condicional, inspetor...

Sánchez – Trataremos de si mais tarde.

Kimberley – Nesse caso... Em que posso ajudá-los, senhores?

Ramírez – Fomos informados de que coisas estranhas têm acontecido no bairro desde que abriram este bar.

Kimberley – É uma casa de chá, inspetor, não um bar.

Jennifer – Coisas estranhas?

Sánchez – Alguns moradores de Mekansas City têm tido comportamentos estranhos.

Kimberley – Muita gente faz coisas estranhas, sabem. Sem a polícia vir investigar. Ontem à noite, por exemplo, pedi uma pizza de quatro queijos e acabou...

Jennifer (*interrompendo*) – Bem, Kimberley, isso não é o assunto... Também não acho que estes senhores estejam aqui por isso.

Kimberley – Mas quando diz estranho...

Jennifer – Podem dar-nos um exemplo?

Ramírez – Por exemplo... o padre da igreja começou a cantar uma canção obscena durante a comunhão.

Kimberley – Ora essa... Que canção?

Sánchez – «À hora do chá»... Querem que vos cante o refrão?

Jennifer – Parece-me que já a ouvi... (*Cantarolando*) «À hora do chá...»

Kimberley – Isso faz-me lembrar uma canção que a minha avó me cantava...

Ramírez – Depois, durante a comunhão, o padre distribuiu bolachas de chocolate aos fiéis em vez das hóstias habituais.

Kimberley – Sério?

Ramírez – Bolachas que comprou na sua loja e das quais, ao que parece, comeu em excesso.

Sánchez – Para não mencionar a overdose...

Kimberley – O senhor padre é um dos nossos melhores clientes, na verdade.

Jennifer – Já sabem como é, desde que já não têm coroinhas... descontam no pecado da gula.

Kimberley – Canções obscenas durante a missa e bolachas em vez de hóstias... Pode ser blasfémia, mas não é um crime punido pela lei.

Sánchez – Logo depois da missa, detivemos uma dezena desses fiéis que tomavam banho nus numa fonte em frente à igreja.

Ramírez – E isso é uma perturbação da ordem pública.

Kimberley – É estranho, claro. Mas o que temos nós a ver com essa história?

Sánchez – Depois de investigarmos, descobrimos que todas as pessoas envolvidas nesta loucura têm algo em comum.

Ramírez – Todas elas consumiram as bolachas de chocolate no mesmo dia.

Jennifer – E como chegaram a essa conclusão, Inspetor Columbo?

Ramírez – Ramírez. Inspetor Ramírez.

Sánchez – Recebemos uma carta anónima.

Kimberley – Ah, vocês também...

Ramírez – Vamos ter de apreender a mercadoria para análise. Onde fica a cozinha?

Kimberley – Está por aqui...

Ramírez – Sánchez, podes ir.

Sánchez – Certo, chefe...

Sánchez parte.

Kimberley – Não entendo, inspetor... Para fazer essas bolachas, uso a receita que a minha avó me deu.

Ramírez – E pode afirmar que essa receita não contém cannabis nos ingredientes?

Kimberley – Acham mesmo que a minha avó punha drogas nas suas bolachas?

Ramírez – Não sei quanto à sua avó... O que sei é que esta jovem já foi condenada por tráfico de drogas.

Jennifer – Juro-lhe, inspetor... Kimberley, acredita em mim, por favor...

Kimberley – Eu acredito em ti, Jennifer.

Sánchez regressa com as bolachas numa caixa. Está a mastigar qualquer coisa.

Ramírez – Vamos analisar isto e logo veremos. (*Sánchez dá uma dentada numa bolacha.*) E pare de comer as provas, Sánchez!

Sánchez – Desculpe, chefe, não consigo evitar.

Kimberley – Espere, inspetor... Também recebi uma carta anónima.

Ramírez – Hum...

Sánchez – Mostre-me.

Kimberley entrega-lhe a carta, que ele examina.

Sánchez – Não está assinada, chefe.

Jennifer – Claro, porque é uma carta anónima.

Sánchez – Ah, entendi...

Ramírez tira a carta das mãos de Sánchez.

Ramírez (lendo) – "Acabarás como a tua avó"...

Kimberley – É uma ameaça de morte, certo?

Sánchez – Depende da maneira como a sua avó morreu. Se foi de velhice, por exemplo. Ou de um ataque cardíaco. Ou num acidente de viação. Ou num acidente doméstico...

Ramírez lança-lhe um olhar exasperado, e Sánchez cala-se.

Ramírez – A sua avó foi assassinada?

Kimberley – Não sei... É o seu trabalho descobrir.

Ramírez – Como se chamava a sua avó?

Kimberley – Yolanda. Mas chamávamos-lhe Yaya.

Ramírez – Yolanda... Sim, lembro-me... Abrimos uma investigação na altura... Considerámos a hipótese de homicídio, mas como não encontramos sinais de arrombamento...

Sánchez – Concluímos que foi um suicídio.

Ramírez (para Sánchez) – Mostre-me a carta anónima que recebemos na esquadra a denunciar a história dos space cakes...

Sánchez (entregando a carta) – Aqui está, chefe.

Ramírez compara as duas cartas anónimas.

Ramírez – É a mesma tipografia!

Sánchez – A mesma polícia, chefe? Mas há mais do que uma?

Ramírez – A mesma tipografia, Sánchez! O mesmo tipo de letra!

Jennifer – As letras devem ter sido recortadas da mesma revista...

Ramírez – Vamos investigar tudo isto e mantê-las informadas. Entretanto, peço-lhes que não saiam da cidade.

Kimberley – Posso continuar a vender as minhas bolachas, entretanto?

Sánchez – O que acha, chefe?

Ramírez – Afinal... até que o laboratório prove que são space cakes, essas bolachas gozam da presunção de inocência...

Sánchez – Evitem vendê-las a menores, evidentemente...

Jennifer – Eram os nossos clientes mais fiéis, mas está bem...

Ramírez e Sánchez saem.

Kimberley – Só me faltava esta... Tens a certeza de que não tens nada a ver com isto?

Jennifer – Por que eu faria algo assim?

Kimberley – Se era para aumentar as vendas, conseguiu. Mas agora corremos o risco de um encerramento administrativo. E até mesmo de prisão...

Jennifer – Juro pela vida da tua avó que não tenho nada a ver com isso.

Kimberley – A minha avó está morta.

Jennifer – É verdade... De maneira bastante misteriosa, aliás...

Kimberley – Só nos resta esperar pelos resultados da investigação. Nem tu nem eu pusemos droga nestas bolachas.

Jennifer – E só tu tens as chaves daqui.

Kimberley – Não vejo como essas análises poderiam incriminar-nos.

Jennifer morde uma das bolachas.

Jennifer – Mas é verdade que estas têm um sabor estranho...

William volta.

Kimberley – William, tens mais correspondência para mim?

William – Não...

Jennifer – Então também ficaste viciado nas nossas bolachas...

William – Essa não é a razão da minha visita.

Kimberley – Então, o que está a acontecer?

William – É sobre a Yolanda. Ainda não vos contei a história toda...

Kimberley – Não é realmente o momento, sabes...

William – Fui amante da tua avó... quando era jovem.

Kimberley – Olha, William... Entendo perfeitamente que a minha avó possa ter sido uma mulher antes de se tornar a Yaya, mas já te disse, não tenho a certeza se quero saber os detalhes da vida amorosa dela... Nem os nomes dos amantes.

William – Tenho boas razões para acreditar que sou o pai da tua mãe.

Kimberley – O pai da minha mãe? Quer dizer que eu seria tua neta?

Jennifer – E, portanto, tu serias o avô dela.

William – Sim, exatamente, era isso que queria dizer.

Kimberley fica chocada.

Jennifer – Deixo-vos em família...

Ela sai.

Kimberley – Mas porque não disseste isso antes, se é verdade?

William – Quando conheci a Yolanda, ela ainda não estava casada. Mas eu estava...

Kimberley – E ela engravidou de ti.

William – Não tive coragem de deixar a minha mulher. A Yolanda queria ficar com o bebé. Concordou em casar com o barão, para quem já trabalhava como criada.

Kimberley – Ele sabia que ela estava grávida quando lhe pediu a mão?

William – Sim. Ela não lhe escondeu nada. Mas ele amava-a. E ela tinha carinho por ele. Ele aceitou dar o seu nome à criança que ela esperava.

Kimberley – E depois?

William – Depois... o tempo passou... Yolanda estava casada. Não quis comprometê-la.

Kimberley – Mas depois da morte do meu avô, podias ter...

William – A tua mãe estava tão orgulhosa por ser descendente de um barão de Casteladrón. Não tive coragem de lhe dizer que ela era filha do carteiro...

Kimberley – Para ela teria sido um choque...

William – De qualquer forma, és minha neta. Nunca pensei que pudesse dizer-te algum dia. Não sei por que estou a fazê-lo hoje...

Kimberley – Deve ser por causa do efeito desses space cakes...

Samantha volta e cumprimenta o carteiro.

Samantha – Senhor...

William (*envergonhado*) – Olá, Samantha... Deixo-vos...

Ele sai. Samantha também parece estranha. Está vestida de maneira muito mais descontraída do que da primeira vez.

Samantha – Este carteiro não me é estranho... Como sabe ele que me chamo Samantha?

Kimberley – Quem sabe... Talvez tenha sido ele quem escolheu esse nome idiota para ti...

Samantha – Sempre odiei isso...

Kimberley – O carteiro?

Samantha – O meu nome! Mas porque dizes que o carteiro teria escolhido o meu nome?

Kimberley – Esquece... Estás bem? Estás diferente...

Samantha – Não sei. Desde que provei novamente essas bolachas...

Kimberley – Ah não, não contigo...

Samantha – Nem sempre fui uma boa mãe, eu sei...

Kimberley – Não te culpo, está bem. E agora, não tenho muito tempo...

Samantha – De qualquer forma, também não fui uma boa filha.

Kimberley – Ah, sim...

Samantha – Queria que soubesses que, apesar de tudo, gostava muito da tua avó.

Kimberley – Da tua mãe, queres tu dizer... É assim tão difícil admiti-lo?

Samantha – É verdade que me dava um pouco de vergonha. Para todos, era a criada do barão. Que se casou com ele apesar da idade avançada para assegurar a herança dele.

Kimberley – A sério...? O barão estava arruinado. Mais depressa se casou com a criada para não ter de lhe pagar...

Samantha – De qualquer forma, a tua avó sempre foi muito gentil comigo.

Kimberley – E...?

Samantha – Hoje, lamento não lhe ter dito o suficiente que a amava...

Kimberley – Isso não foi o que disseste há algum tempo...

Samantha – Não sei, devem ser estas bolachas. São a minha pequena madalena de Proust...

Kimberley – Madalena? Quem é essa agora?

Samantha – Para começar, foi para mim que a Yolanda inventou esta receita de bolachas, sabes? Já não as provava há tanto tempo...

Kimberley suspira.

Kimberley – Eu também gostava muito da Yaya... Sempre que como uma destas bolachas, é como se entrasse em comunhão secreta com ela. Como uma hóstia na missa, percebes?

Samantha – Ah, sim, claro...

Kimberley – Sinto a presença dela por toda esta casa de chá. Um dia até julguei vê-la na cave...

Samantha – Agora isto está a tornar-se bastante assustador...

Kimberley – Aliás, sabes como a avó morreu?

Samantha – Nunca soubemos. Mas sempre pensei que o desaparecimento dela talvez não tenha sido um acidente.

Kimberley – Ora essa...

Samantha – Mesmo antes da morte dela, um promotor veio vê-la. Queria comprar todos os apartamentos deste prédio, e a tua avó não queria vender o dela...

Kimberley – A polícia acabou de sair daqui, precisamente.

Samantha – A polícia? O que queriam?

Kimberley – Essa é outra história... Agora, deixa-me, tenho muitos problemas para resolver.

Samantha – Sabes que podes contar comigo, querida. Afinal, sou tua mãe.

Kimberley – Ah, sim? Tens mesmo a certeza?

Samantha – Mas vamos lá, Kimberley...

Kimberley – Ligar-te-ei depois, prometo...

Kimberley empurra a sua mãe para fora. Kimberley suspira. Mas o seu alívio é de curta duração. Kevin volta.

Kevin – Acabei de encontrar a tua mãe. Não costuma vir visitar-te com frequência. O que queria?

Kimberley – Contar-te-ei noutra altura...

Kevin – Melhor, porque não tenho muito tempo... Já pensaste na oferta daquele promotor?

Kimberley – Ele está a enviar-me ameaças de morte, e queres que ceda a esta chantagem?

Kevin – Que história é essa?

Kimberley – Recebi uma carta anónima.

Kevin – Se é anónima, como sabes que foi ele que a enviou?

Kimberley – A minha mãe também suspeita que ele matou a minha avó.

Kevin – Pensava que a tua avó tinha morrido acidentalmente ao cair de um banco enquanto tentava enforcar-se...

Kimberley – Quem te contou isso?

Kevin – Mas vá lá, Kimberley, foste tu!

Kimberley – Ah sim, talvez... Bem, estava errada, aparentemente. Todos podem estar errados, não é?

Kevin – Então, como morreu?

Kimberley – Inclino-me para a hipótese de um homicídio disfarçado de suicídio accidental.

Kevin – Ah sim... Isso é muito mais credível...

Kevin pega distraidamente numa bolacha, dá-lhe uma dentada e faz uma careta.

Kimberley – Não gostas?

Kevin – Há um cabelo dentro. E quando digo um, deveria dizer vários... Deverias ter cuidado...

Kimberley – Eu? Mas eu não estou a perder cabelo!

Ramírez e Sánchez regressam.

Ramírez – Acabámos de receber os resultados do laboratório.

Kevin – O laboratório? *(Para Kimberley)* Estás doente, querida? Não é grave, certo...? *(Mais preocupado)* Não me digas que estás grávida...

Ramírez – Desculpe, mas não fazemos testes de gravidez.

Sánchez – Pensam que temos cara de ginecologistas?

Kevin – Parecem mais assassinos... Afinal, quem são?

Kimberley – Estes senhores são da polícia.

Kevin – A polícia?

Ramírez – Inspetor Ramírez. Estamos a investigar um caso de estupefacientes.

Kevin – E daí?

Sánchez – O laboratório é conclusivo: os produtos analisados contêm, além do chocolate, uma dose muito alta de resina de cannabis.

Ramírez – Por outras palavras, as bolachas da Yaya são space cakes.

Kevin – As bolachas da Yaya?

Kimberley – Mas isso não é possível. Deve haver uma explicação.

Ramírez – Enquanto não concluirmos a investigação, este estabelecimento deverá encerrar em breve. Aguardamos a decisão do juiz...

Kimberley – Fechar a nossa casa de chá mal acabámos de a abrir? Seria a ruína certa...

Ramírez – Naturalmente, a senhora será acusada de tráfico de estupefacientes.

Kevin – Mas, Kimberley, diz-me que isto é uma brincadeira...

Ramírez – Tenho ar de estar a brincar, meu caro senhor?

Sánchez – Infelizmente para si, não estamos nos Países Baixos. Os coffee shops ainda não são legais no nosso país. Era a sua empregada que vos fornecia a droga?

Kimberley – A Jennifer?

Ramírez – Já foi condenada por envolvimento com drogas e tem antecedentes.

Kimberley – Estou a dizer-vos que não temos nada a ver com isto!

Sánchez – Nesse caso, como explica a presença de drogas nestas bolachas que a própria fabrica?

Kimberley – Deve ser uma armadilha para fecharem o meu estabelecimento. Procurem a quem aproveita o crime...

Sánchez – Já que fala em crimes, vamos reabrir a investigação sobre a morte da sua avó...

Kimberley – Por que agora?

Ramírez – Esta carta anónima que recebeu sugere que foi um assassinato, não?

Kimberley – Não me estão a acusar de ter matado a minha avó, pois não?

Sánchez – Como a senhora própria disse, procure a quem aproveita o crime. Foi a senhora que herdou os bens da vítima, certo?

Kimberley – Também deviam investigar o promotor que quer comprar o prédio. A minha avó recusou-se a vender-lhe o apartamento...

Ramírez – Não deixaremos passar. Enquanto isso, esteja à disposição da polícia...

Ramírez e Sánchez saem.

Kevin – Agora estás envolvida num caso de tráfico de drogas... E pensar que planeávamos casar-nos... Queres que seja o capelão da prisão a celebrar a cerimónia?

Kimberley – Obrigada pelo teu apoio, é reconfortante.

Kevin – Está bem, sempre achei que abrir esta casa de chá não era boa ideia. Infelizmente, os factos dão-me razão. Agora acho que o mais simples seria venderes, não?

Kimberley – Vender? Àquele canalha que talvez tenha assassinado a minha avó?

Kevin – Não precipitemos as coisas. Esse tipo pode ser um vigarista, mas não é necessariamente um assassino.

Kimberley – Ele é um promotor!

Kevin – Também há promotores honestos...

Kimberley – Ah sim? Quem, por exemplo?

Kevin – Não me ocorre nenhum nome agora, mas devem existir.

Kimberley – Deixo-te a pensar nisso. Tenho coisas para fazer, desculpa.

Kevin – Kimberley, espera! Ainda podemos conversar...

Kimberley sai. Cindy chega.

Cindy – Olá, lembras-te de mim?

Kevin – Diana?

Cindy – Cindy.

Kevin – Cindy...

Cindy – Andávamos na mesma turma no colégio. Até chegámos a namorar durante algum tempo, lembras-te?

Kevin – Não...

Cindy – É um pouco decepcionante, mas pronto... Mesmo assim, sinto-me orgulhosa por ter namorado com o rapaz mais bonito da escola, nem que tenha sido só por umas horas... Mesmo que tivesse de te embebedar para o conseguir...

Kevin – Ah sim?

Cindy – Bom, isso foi antes de te tornares um conquistador... Tinhas onze anos, estavas cheio de borbulhas e, naturalmente, não tinhas muitas opções. E foi muito antes de conheceres a Kimberley.

Kevin – Desculpa, eu... Cindy... Ah sim, talvez...

Cindy – Deixa lá, isto está a ficar constrangedor... Soube dos problemas da Kimberley... Como é que ela está?

Kevin – Mal... Meteu-se numa situação muito complicada.

Cindy – Mas quando dizes complicada...

Kevin – Ela corre o risco de ser presa.

Cindy – Oh, droga... E a casa de chá dela?

Kevin – Aconselhei-a a vender, enquanto ainda vai a tempo...

Cindy – Tens razão... Na verdade, eu também preferia vender a minha loja ao promotor, em vez de à Kimberley. Oferece-me o dobro! Infelizmente, já assinei o contrato-promessa. Agora é tarde demais, não é?

Kevin – A menos que a Kimberley desista por sua própria iniciativa do contrato-promessa de compra.

Cindy aproxima-se de Kevin.

Cindy – Que curioso, tive exatamente a mesma ideia...

Kevin (*irritado*) – Mentos brilhantes pensam igual.

Cindy – Sim... Poderíamos fazer coisas incríveis juntos... se tu não estivesses apaixonado pela Kimberley.

Ela o abraça.

Kevin – Foi um erro de percurso, agora percebo...

Cindy – Então deixa-me pôr-te de novo no bom caminho. Tenho planos para nós os dois. Não vais ser contabilista a vida inteira...

Kevin – Que tipo de planos?

Cindy – O Alex ofereceu-me a gerência do Starfucks que vai abrir no rés-do-chão deste prédio...

Kevin – Acho que somos feitos um para o outro.

Jennifer entra, ouve o fim da conversa e vê-os beijarem-se. Kevin e Cindy saem. Kimberley regressa.

Kimberley – Quem era?

Jennifer (*envergonhada*) – Cindy. Disse que voltaria...

Kimberley – É gentil que ela tenha vindo perguntar como estou. É na adversidade que se reconhecem as verdadeiras amigas.

Jennifer – Sim...

Kimberley apanha outro cabelo do chão.

Kimberley – Está mesmo a perder muito cabelo.

Jennifer – Mas, pelo menos, não perde o norte.

Kimberley – Depois de todos esses anos, é surpreendente que ainda tenha alguns cabelos na cabeça...

Brian chega com um buquê de flores.

Brian – Olá.

Kimberley – O que é isso?

Brian – Ora, flores... Comprei-as mesmo aqui ao lado...

Kimberley – Devias ter trazido uma coroa de flores. Em homenagem a esta casa de chá que vai fechar as portas. Graças a ti...

Jennifer – Para ser substituída por um Starfucks Café...

Silêncio desconfortável.

Brian – Recebeste a minha carta?

Kimberley – Qual? A que assinaste ou a carta anónima?

Brian – Recebeste uma carta anónima?

Kimberley – Pensei que te tinha dito para nunca mais voltares.

Brian – Soube do que te aconteceu.

Kimberley – Isso é ótimo para ti, não é? E para o teu cliente também...

Brian – Lamento muito. É evidente que és vítima de uma manipulação. Mas quem poderia ter feito isso e porquê?

Kimberley – Alguém a quem interessa que esta loja feche o mais depressa possível, por exemplo...

Jennifer – Alguém como o Alex Suborno, teu chefe?

Brian – O Sr. Suborno não é meu chefe. Apenas é um cliente. Um cliente importante, mas apenas um cliente...

Kimberley – O que não percebo é como ele conseguiu entrar na minha cozinha sem forçar a porta...

Brian – Acho que tenho uma ideia...

Kimberley – Desculpa, não tenho tempo para adivinhas...

O telemóvel de Kimberley toca e ela atende.

Kimberley – Estou? Ah, sim, estava à espera da sua chamada. Então? Recusado? Como assim, recusado? Porquê? As minhas contas estão no vermelho? Mas tinha-me dito que... Espere! Desligou...

Jennifer – Quem era?

Kimberley – O banco... Recusaram-me o crédito. Não entendo, tivemos vendas muito boas nos últimos dias...

Jennifer – Graças aos space cakes...

Brian – Não há outros bancos, certo?

Kimberley – É o único que quis rever o nosso histórico...

Brian – Percebo.

Kimberley – Portanto, não posso cumprir o contrato-promessa que assinei. O Alex vai comprar a loja da Cindy... E, como a minha casa de chá está prestes a fechar por ordem judicial...

Jennifer – É o fim...

Brian – Não desesperem. Lutaremos. Vou ajudar-vos.

Kimberley – O Gordinho vai ajudar-nos. Sinto-me muito mais aliviada imediatamente...

Brian – Posso ver os livros de contas da tua casa de chá?

Jennifer – Tu és arquiteto! Não contabilista...

Brian – Também sou empresário. Sei ler um balanço.

Kimberley e Jennifer olham-se hesitantes.

Corte

Brian acaba de examinar as contas, na presença de Kimberley e Jennifer.

Kimberley – Então...?

Brian – As tuas contas foram manipuladas.

Jennifer – Manipuladas? O que isso significa?

Brian – Significa que o teu contabilista declarou menos receitas e mais despesas do que as reais. Assim, as contas parecem dar prejuízo, quando na verdade até há um pequeno lucro.

Kimberley – Normalmente, quando se manipula o balanço, costuma ser ao contrário, não é verdade?

Brian – De facto. Isso é o que me surpreende.

Jennifer – Bem... E agora?

Brian – A boa notícia é que a tua situação financeira não é tão catastrófica.

Kimberley – E a má?

Brian – A má notícia é que já não há tempo para obter outro empréstimo antes de terminar o prazo do contrato-promessa de compra da loja do lado...

Jennifer – Mas afinal... Quem poderia ter feito isto?

Brian – Quem cuida das tuas contas?

Kimberley – É o Kevin. O meu noivo.

Brian – Claro, também pode ter sido um erro grosseiro. Se ele não perceber nada de contabilidade... E o que faz o teu noivo?

Jennifer – É contabilista.

Brian – Nesse caso, é impossível que tenha cometido um erro desses.

Kimberley – Foi também ele que preparou o processo para o banco.

Jennifer – Teria apresentado intencionalmente contas negativas ao banco.

Brian – Parece muito provável...

Jennifer – Mas porquê?

Brian – Se ele quisesse que o teu empréstimo fosse recusado, não o teria feito de outra forma...

Kimberley – O Kevin sempre tentou dissuadir-me de abrir esta casa de chá. Queria que eu vendesse tudo ao promotor e usássemos o dinheiro para abrir o gabinete de contabilidade dele.

Brian – Daí a trair-te assim...

Kimberley – O que poderá tê-lo levado a fazer uma coisa destas?

Jennifer – Ou quem...?

Kimberley – Sabes de alguma coisa?

Jennifer – Vi-o a beijar a Cindy. E ouvi-os a conspirar algo contra ti às tuas costas.

Kimberley – Porque não me disseste nada?

Jennifer – Não tive coragem! É o teu noivo...

Kimberley assimila o golpe.

Kimberley – Já não o é, garanto-te...

Brian – Menos mal... Quero dizer... Felizmente apercebemo-nos disto...

Kimberley – Sim...

Brian – Temos de informar a polícia.

Jennifer – Falando do diabo...

Sánchez e Ramírez voltam.

Brian – Ah, estão mesmo a tempo, inspetores.

Ramírez – Obrigado pelos ânimos. É uma fórmula de boas-vindas que, infelizmente, ouvimos muito raramente na nossa profissão.

Kimberley – O juiz tomou uma decisão? Vêm selar as portas deste estabelecimento?

Ramírez – Sossegue, acabámos de concluir a investigação e as notícias são bastante boas. Pelo menos para si...

Sánchez – Encontrámos vários cabelos na massa das bolachas...

Ramírez – Podemos dizer até um grande tufo.

Sánchez – E esse grande tufo pertence a uma tal Cindy.

Brian – Cindy? A florista ao lado?

Kimberley – É verdade que ela perde muito cabelo, não é?

Sánchez – Também encontrámos impressões digitais dela por toda a cozinha da tua casa de chá.

Ramírez – Trabalho de amador...

Kimberley – E então?

Ramírez – Isso prova que foi realmente vítima de uma conspiração.

Sánchez – Além disso, depois de algumas pancadas com uma lista telefónica na cabeça, a Cindy confessou tudo espontaneamente.

Kimberley – Então, não vão fechar a casa de chá?

Ramírez – Não. Estão inteiramente inocentadas.

Jennifer – E a Cindy?

Sánchez – Está sob custódia. E arranca os cabelos. É impressionante, acredita...

Ramírez – Diz que agiu por ordem do promotor que quer demolir este prédio. Mas ele teve o cuidado de não deixar rasto...

Brian – E é mais resistente às pancadas com uma lista telefónica...

Ramírez – Digamos antes que tem demasiados contactos importantes para podermos usar esse tipo de métodos com ele.

Brian – É uma pena. Bem, pelo menos a tua casa de chá pode continuar aberta.

Kimberley – Infelizmente, se eu não conseguir este crédito para expandir, não servirá de nada. Esta loja é demasiado pequena.

Brian – As contas da senhora foram manipuladas pelo seu contabilista... Como resultado, o crédito foi recusado.

Ramírez – Claro, pode sempre apresentar uma queixa, mas levará meses, até anos...

Kimberley – Realmente não vejo como vou sair disto.

Jennifer – Vendemos muito nos últimos dias, mas é evidente que as vendas diminuirão se voltarmos à receita tradicional...

Ramírez – No entanto, recomendaria que deixassem de lado os space cakes...

O telefone de Sánchez toca e ele atende.

Sánchez – Estou? Sim, está bem, vamos já... (*Guarda o telemóvel*) Temos de ir, chefe. Um assalto ao Banco Solidário.

Kimberley – O Banco Solidário! É o meu banco!

Ramírez – E onde fica isso?

Kimberley – Mesmo em frente.

Jennifer – Espero que pelo menos não nos culpem por este roubo... Eles são testemunhas de que não nos mexemos daqui.

Ramírez – Desculpem-nos... O dever chama-nos. Proteger e servir, é esse o nosso lema...

Sánchez – Minhas senhoras...

Ramírez – Faça o favor de passar à frente, Sánchez... Parece-me que ouvi tiros...

Ramírez e Sánchez saem.

Brian – Lamento muito... Se pudesse, emprestava-vos o dinheiro que precisam. Infelizmente, as minhas contas também estão no vermelho... Iniciei o meu gabinete de arquitetura há seis meses... e não tardarei em perder um grande cliente. Olhem, aqui está ele, precisamente...

Alex volta.

Alex – Fico muito contente por saber que foi absolvida neste caso de drogas, estimada senhora.

Kimberley – Um caso que o senhor inventou para me forçar a fechar a loja.

Alex – Infelizmente, como sabem, para o banco é tarde demais. O prazo expirou. E o compromisso que assinou com a Cindy caducou.

Kimberley – Convém-lhe, não é?

Alex – Compro o espaço ao lado. E ainda estou interessado no seu... Seria melhor vender-me enquanto ainda estou disposto a pagar um bom preço. Seja razoável...

Kimberley – Com a sua licença, vou pensar um pouco mais...

William volta.

William – Soube das tuas dificuldades. Trago as minhas poupanças. Não é grande coisa, mas se puder ajudar...

Deixa um saco com notas na mesa. Jennifer olha para dentro.

Jennifer – Quanto há aí?

William – Vinte e três mil dólares. Levantei todas as minhas poupanças...

Kimberley – Mas estás louco!

William – Sou teu avô, afinal.

Samantha chega, seguida de Gregory. Samantha ouve a última frase.

Samantha – Teu avô? O carteiro? Isso é uma piada...

Kimberley – Receio que não...

Samantha – Mas então... quem é a tua mãe?

Kimberley – Mãe... Claro que sabes quem é a minha mãe, não sabes?

William – Não pensei em contar-lhe assim, mas... sou teu pai, Samantha.

Samantha – Tu? O amante da minha mãe? E serias meu pai?

Gregory – E eu que pensava que me tinha casado com a filha de um barão de Castela.

Samantha – Oh, tu, está bem... Tudo isto não é da tua conta.

Gregory – Calma, baronesa! Não é da minha conta? Durante vinte e cinco anos decidias tudo, porque supostamente tinhas sangue azul. Mesmo sendo apenas filha da criada. E agora descobro que também és filha do carteiro.

Samantha – E então? O que vais fazer, génio?

Gregory – O que vou fazer? Vou começar por ajudar a minha filha, dando-lhe o dinheiro de que precisa. Embora me tenhas proibido de fazer isso até agora. Mas diz-me... é realmente minha filha?

Samantha – Bem, Gregory, claro que é tua filha.

Alex – Que terna cena familiar!

Gregory pega no talão de cheques.

Gregory – De quanto precisas para salvar a tua casa de chá, querida?

Samantha – Não ponhas muitos zeros, Gregory...

Kimberley – Obrigada, papá, mas...

Alex – Mas todo esse dinheiro não lhe servirá de nada. É tarde demais. Acabei de comprar a loja ao lado. E sem essa possibilidade de expansão, o projeto da casa de chá não tem futuro.

Gregory aproxima-se de Alex, ameaçador.

Gregory – O que quer este, com cara de proxeneta e olhos de peixe morto?

Gregory recua prudentemente.

Kimberley – Deixa lá, papá, não serviria de nada.

Gregory – E, aliás, quem é ele?

Kimberley – Um canalha, explico-te depois... Mas desta vez ele venceu. E é preciso saber reconhecer a derrota.

Alex tira um contrato.

Alex – Só tens de assinar aqui...

Kimberley – Sinto que estou a vender a alma ao diabo.

Ela assina.

Alex – Só faltava essa assinatura para obter a autorização para demolir este edifício...

Gregory – Tenham cuidado de qualquer forma... Se fizerem mal à minha filha, serei eu quem vos demole. Com ou sem autorização...

Corte.

Kimberley entra com uma caixa que contém alguns objetos pessoais. Jennifer chega com outra caixa.

Kimberley – E pronto, acabou... Esta noite, este edifício não será mais do que um monte de ruínas...

Jennifer – É incrível... Nunca teria imaginado isto...

Kimberley – E pensar que a minha juventude inteira vai reduzir-se a pó... Todos os dias, depois da escola, ia lanchar a casa da Yaya. Nunca perdia uma ocasião de saborear as famosas bolachas dela...

Jennifer – Eu também... Estava muito ligada a este prédio. Os meus pais viviam no terceiro andar. E, à noite, depois do lanche, traficava um bocadinho de erva no átrio...

Kimberley – Eram bons tempos...

Jennifer – E como é que vão fazer isso?

Kimberley – O que fazer com o quê?

Jennifer – Para destruir isto!

Kimberley – Colocaram cargas explosivas por toda a estrutura do prédio. Só precisam de acionar o detonador. Mas não te preocupes, vão esperar que saíamos antes de carregar no botão.

Jennifer – Sinto-me mais tranquila imediatamente...

Kimberley – Esse patife deu-me permissão para vir buscar algumas coisas antes de fazerem explodir tudo.

Jennifer – É melhor não perdermos tempo aqui... E o que fazemos com esta maldita árvore de Natal?

Kimberley – É uma árvore de Natal... O Natal cheira sempre um pouco a morte.

Jennifer – E o que fazemos à maldita árvore?

Kimberley – Não tive coragem de tirar as decorações. Vamos deixá-la aqui, em memória da minha avó.

Jennifer – Ficarà soterrado sob os destroços, assim como todas as esperanças que tínhamos para este projeto...

Kimberley – O que estás a dizer é bonito. Dá-me vontade de chorar...

Jennifer – Yaya... Revirar-se-á no túmulo ao ouvir que o seu edifício está a desabar...

Kimberley – É verdade... Mesmo que já não esteja, a sua presença sente-se por toda parte aqui. Sempre que desço à cave, sinto uma espécie de corrente de ar. Não sei de onde vem. Às vezes, imagino que é o espírito da minha avó.

Jennifer – Acabas por me assustar... Acabei de subir da cave...

Kimberley – Lamento muito ter-te envolvido nesta história...

Jennifer – Quem devia pedir desculpa sou eu... Sei que este projeto significava muito para ti.

Kimberley – E agora, o que vais fazer...?

Jennifer – Não sei... Talvez volte a traficar um pouco...

Kimberley – Não vais fazer isso!

Jennifer – Estou a brincar, calma... E tu, o que vais fazer?

Kimberley – O meu pai propôs-me trabalhar com ele na oficina...

Jennifer – Não te vejo a mudar óleo para os clientes. Nem sabes trocar um pneu...

Kimberley – Trabalharei em contabilidade. Eu que fiz de tudo para evitar isso...

Jennifer – Pelo menos não vais trabalhar para o Kevin...

Kimberley – Que vá para o inferno.

Jennifer – E o Brian?

Kimberley – Nunca mais o vi...

Jennifer – É uma pena... Podias ter-lhe dado uns conselhos para renovar o guarda-roupa...

Kimberley – Tens razão... Perder vinte quilos é ótimo, mas se é para continuar com a mesma roupa...

Jennifer – Bem... É hora de ir. Vens?

Kimberley – Vai tu. Fico mais um segundo. Para me despedir da Yaya...

Jennifer – Se vires o fantasma dela, manda cumprimentos da minha parte... Boa sorte, Kimberley.

Kimberley – Tu também, Jennifer.

Jennifer sai. Kimberley olha para a árvore. Brian chega. Está vestido com roupas feitas à medida e bem cortadas, o que lhe assenta muito melhor.

Brian – Olá, Kimberley... Vi-te entrar... Mas, o que estás a fazer aqui ainda?

Kimberley – Os assassinos sempre voltam ao local do crime...

Brian – Mataste alguém?

Kimberley – Não... Dizia isso por ti...

Brian – Ah, percebi... Não entendi...

Kimberley – Sabes... Os habitantes de Mekansas City, bonitos e burros ao mesmo tempo... Mas falando nisso, vejo-te diferente...

Brian – Finalmente aceitei que perdi peso e comprei roupa do meu tamanho. Mas não devíamos ficar aqui, sabes...

Kimberley – Vais ser tu quem vai acionar o detonador?

Brian – Rescindi o contrato com o Alex Suborno. Já não trabalho para ele. Talvez isto não melhore a minha situação financeira, mas ao menos fico de consciência tranquila...

Kimberley – Infelizmente, isso não muda grande coisa... Pelo menos a Yaya não verá este prédio desmoronar.

Brian – Daria tudo para poder evitar isto, acredita.

Kimberley – Acredito.

Brian – Temos de ir agora.

Ela baixa-se e apanha a estrela caída ao pé da árvore.

Kimberley – Só um momento, por favor... A estrela voltou a cair. É puramente simbólico, mas vou colocá-la uma última vez no topo da árvore. Como um último desafio...

Kimberley pega na estrela e olha para ela com curiosidade.

Brian – O que é isso?

Kimberley – Há uma nota rabiscada atrás da estrela... Nunca tinha reparado. É a caligrafia da minha avó...

Brian – Uma despedida? Enquanto estava a viver os seus últimos momentos? O que diz?

Kimberley – Alex matou-me...

Brian – Suborno? Queres dizer...

Kimberley – É o que está escrito.

Brian – Sabia que estava disposto a tudo para tomar posse deste edifício... mas não pensei que chegaria tão longe.

Kimberley – Suborno... Mas então... tudo muda.

Brian – Se for condenado por assassinato, irá para a prisão. A venda será anulada. E tudo volta a ser possível!

Kimberley – Tu achas?

Brian – Tenho a certeza, Kimberley. Ainda há tempo para impedir a demolição deste edifício. Vamos falar com a polícia...

Kimberley – Obrigada, Brian. E desculpa por ter sido tão injusta contigo.

Abraçam-se brevemente.

Brian – Não há tempo a perder... Depois teremos toda a vida pela frente...

Alex aparece, como saído do nada.

Alex – Não tão rápido!

Kimberley – Mas afinal... Por onde é que entraste?

Brian – Entrou como um rato, pela cave...

Kimberley – Sei que foste tu que mataste a minha avó! Não escaparás à justiça!

Alex saca uma pistola.

Alex – Não, se levarem esse segredo para a sepultura. Tal como a tua avó. O prédio está minado. Só tenho de acionar o detonador.

Brian – Mas estás louco!

Alex – Bebe isto...

Brian – Veneno?

Alex – Apenas um potente narcoléptico.

Kimberley – Tenha maneiras, por favor! Ou estarei outra vez a confundir isto com «afrodisíaco»...?

Alex – Encontrarão os vossos cadáveres entre os destroços e pensarão que foi um acidente. Afinal, vocês nem sequer tinham autorização para estar aqui.

Kimberley – Tu mesmo me autorizaste a estar aqui!

Brian – Foi para te apanhar, Kimberley... E eu também caí na armadilha.

Kimberley – Voltaste para me salvar... e agora vais morrer por minha causa.

Alex – Chega de conversa... Bebe, digo-te! (*A Brian*) Tu primeiro.

Alex entrega uma garrafa a Brian. Brian finge beber, mas, em câmara lenta, como num filme de má qualidade, tenta apoderar-se da pistola. Ouve-se um tiro. Brian cai, ainda em câmara lenta. A ação regressa à velocidade normal.

Kimberley – Meu Deus... Mataste-o!

Alex – Não importa, ia morrer de qualquer maneira. Também tu, aliás. Bebe!

A cena volta a desenrolar-se em câmara lenta. Kimberley pega na garrafa e prepara-se para beber. Nesse momento aparece o fantasma de Yolanda (uma silhueta enorme coberta por um lençol branco ou um tecido de gosto duvidoso). O fantasma é representado por um dos intérpretes que não esteja em cena.

Fantasma (*com voz do além, em câmara lenta*) – Julgavas que podias escapar à justiça dos homens, Suborno, mas não escaparás à justiça de Deus!

Paralisado de medo, Alex deixa cair a arma. A ação regressa à velocidade normal. O fantasma apanha a arma e atira-a na direção de Kimberley, que a apanha no ar.

Kimberley – Obrigada, Yaya! Agora podes ir, tenho a situação sob controlo...

O fantasma afasta-se com uma gargalhada cujo eco parece vir do além.

Alex – Viste o que eu vi?

Kimberley – Deve ser o efeito dos teus space cakes.

Alex – Exceto que eu não comi nenhum...

Kimberley – Não interessa. Agora, vais juntar-te à Yaya do outro lado e tenho a certeza de que ela tratará bem de ti...

Alex – Não dispares! Tenho a certeza de que ainda podemos chegar a acordo.

Kimberley – Arderás eternamente nas chamas do inferno.

Aponta-lhe a arma.

Alex – Tens a certeza de que não queres dirigir este Starfucks?

Kimberley – Mataste a minha avó e o homem que eu amava. Vais morrer...

Alex – Pensa bem! Se me matares, serás tu a ir para a prisão.

Kimberley – Não te preocupes comigo. Alegarei legítima defesa e crime passionai.

Alex – Espera, legítima defesa ou crime passionai? Porque não é a mesma coisa.

Kimberley – Não tentes confundir-me! Só porque confundo «afrodisíaco» com «narcoléptico» não quer dizer que seja ainda mais burra do que pareço. Se tens alguma oração a fazer, este é o momento.

Sánchez e Ramírez chegam, armados.

Ramírez – Não disparem! E que ninguém se mexa.

Sánchez desarma Kimberley e aproxima-se de Alex.

Sánchez – Em nome da lei, eu o detenho.

Alex – Mas afinal... Porquê? É esta mulher que me está a ameaçar com uma arma!

Ramírez – Deixe para lá. Desta vez, as suas influências não vão protegê-lo, Suborno. Temos provas.

Alex – Provas? De quê?

Ramírez – A carta de ameaça que enviou para a senhorita e a que enviou para a polícia denunciando o suposto tráfico foram escritas com letras recortadas da mesma revista.

Sánchez – O boletim municipal de Mekansas City... Provavelmente, foi o presidente da câmara que lhe deu um exemplar como agradecimento, depois de o senhor lhe ter untado as mãos para obter as licenças de construção.

Ramírez – Encontrámos um exemplar da revista no caixote do lixo do seu gabinete. As letras destas duas cartas foram recortadas desse exemplar com uma tesoura.

Alex – Eu posso ser o autor dessas cartas anónimas, mas não se manda as pessoas para a prisão por tão pouca coisa. Senão, metade do país já estaria atrás das grades...

Ramírez – Mesmo assim, trata-se de uma ameaça de morte. Acredito que será suficiente para que o juiz o acuse.

Alex – Proponho que falemos sobre tudo isso lá fora... Este prédio está cheio de explosivos, e eu ativei uma contagem regressiva que terminará em alguns minutos...

Sánchez – Não se preocupe, desligámos o detonador... Pelo menos, acho que sim...

Kimberley (*estendendo a estrela*) – Inspetor, e ainda tenho aqui a prova de que foi ele quem matou a minha avó!

Ramírez (*lendo a inscrição*) – «O Alex matou-me»...

Sánchez – Mas isso já aconteceu, chefe, não?

Ramírez – Pelo menos, desta vez não há erros de ortografia. Ponha-lhe as algemas, Sánchez.

Alex – Vou queixar-me ao governador! Ainda hão de ouvir falar de mim!

Sánchez coloca as algemas em Alex.

Kimberley – Infelizmente, também matou o Brian... Tudo é culpa minha, nunca me perdoarei.

Mas Brian levanta a cabeça.

Brian – Só estou ferido, Kimberley, tranquiliza-te.

Kimberley – Meu Deus, ele está vivo! Temos de tratar dele.

Sánchez examina Brian.

Sánchez – Tenho formação em primeiros socorros, não se preocupem. É apenas uma ferida superficial. A bala passou-lhe de raspão. Um penso e um pouco de adesivo chegam.

Ramírez – Já sabem como são os homens... Um arranhão e desmaiam.

Mas graças a um truque habilidoso, uma enorme mancha de sangue encharca a camisa de Brian.

Kimberley – Mas está a perder muito sangue, não está?

Brian – Sinto-me desmaiar, Kimberley... Mas não quero que te sintas culpada...

Kimberley – Arriscaste a tua vida por mim. Não vais morrer agora...

Brian – Ouvi o que disseste antes sobre mim, quando pensavas que estava morto...

Kimberley – É verdade, confesso... Amo-te...

Brian – E eu também te amo.

Beijam-se, sob o olhar enternecido dos outros.

Alex – Então, tudo acaba bem.

Brian continua a sangrar.

Ramírez – De qualquer forma, vamos chamar a ambulância...

Afasta-se por um momento para ligar.

Brian – Se eu recuperar mesmo assim, Kimberley, tenho uma pergunta para te fazer.

Kimberley – Prometo que responderei. A menos que seja sobre a receita secreta das bolachas da Yolanda.

Brian – Queres casar comigo, Kimberley?

Kimberley – Sim, Gordinho.

Ramírez retorna.

Ramírez – É por momentos como este, Sánchez, que não lamento ter escolhido esta profissão.

Sánchez *(com lágrimas nos olhos)* – Eu também não, chefe...

Ramírez – Um verdadeiro telefilme de Natal...

Sánchez – Mas pior...

Brian – Vou tentar aguentar até que a ajuda chegue, Kimberley.

Kimberley – Por favor... Não poderia viver sem ti.

Brian – Em vez de destruir este prédio insalubre, participarei na sua renovação e redesenharei gratuitamente a decoração horrível da tua casa de chá.

Sánchez – É verdade que é comovente, chefe.

Ramírez (*comovido*) – Tens um lenço?

Sánchez oferece-lhe um lenço sujo. Ramírez olha para o lenço, franze a testa e lança-lhe um olhar de reprovação, mas acaba por se assoar. Brian volta-se para Ramírez e Sánchez.

Brian – Já não conheço ninguém em Mekansas City. Aceitariam ser meus padrinhos?

Ramírez – Seria uma honra para ambos.

Sánchez – Conhecem o nosso lema: proteger e servir.

Kimberley – Se alguém me tivesse dito que algum dia casaria com o Gordinho...

Ramírez – Tem a certeza de que desligou o detonador, Sánchez?

Sánchez – Eu, chefe? De maneira nenhuma! Era o senhor que devia tratar disso...

Ramírez – Eu? Mas eu nunca disse isso! Foi o senhor que...

Sánchez – Fico a pensar se esta comédia não terminará em tragédia, afinal...

Ouve-se uma sirene da ambulância.

Ramírez – Pelo menos, a ambulância não virá em vão...

Um estrondo abafado é ouvido, aumentando, como o som de um edifício a desmoronar. Escuridão.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Naufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Dezembro de 2023

© La Comédiathèque

ISBN 978-2-38602-103-9

Documento para download gratuito